

O ALCOOLISMO EM PERNAMBUCO. ESTUDO ESTATÍSTICO

WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA *

O presente trabalho resulta duma investigação estatística, que fizemos em 1937, no Hospital de Alienados, da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. O plano de estudo, nas suas linhas gerais, obedece ao esquema traçado pelo Prof. Ulysses Pernambucano para uma monografia sôbre as psicoses tóxicas, no Curso de Extensão Universitária sôbre Higiene Mental, que organizou na Faculdade de Medicina de Recife. De acôrdo com o pensamento e a orientação de nosso mestre, os diferentes grupos de psicoses seriam estudados sob um rigoroso critério estatístico, que abarcasse os problemas nos variados aspectos das suas condições locais, a fim de que se verificasse a maneira mais indicada para uma campanha intensa e profícua de higiene mental entre a população. Dêsse esforço conjunto e dessas investigações regionais, resultaram os trabalhos de Jarbas Pernambucano¹ e de René Ribeiro². O nosso estudo, abordando um dos capítulos mais importantes da patologia mental — seja pela gravidade do problema entre nós, seja pela universalidade da intoxicação que consideramos — é, antes de tudo, uma tentativa no sentido de esclarecer alguns pontos omissos na questão e oferecer aos neuro-higienistas dados concretos onde possam assentar as bases de uma luta anti-alcoólica proporcional à extensão do alcoolismo no meio nordestino. Porque sômente conhecendo os fatores e o mecanismo de formação das enfermidades mentais, poderemos lutar contra elas, fortificando e melhorando a personalidade humana.

Sôbre o valor do tema para um estudo dessa natureza, poderíamos argumentar com inúmeras justificativas. Mesmo os pouco esclarecidos em questões psiquiátricas não ignoram mais a repercussão e as consequências sociais e econômicas do alcoolismo no Brasil e a necessidade de urgentes medidas profiláticas contra essa intoxicação que pouco a pouco

Recebido para publicação em 26 outubro 1944.

* Psiquiatra da Colonia Juliano Moreira (Rio de Janeiro). Ex-interno do Hospital de Alienados da Assistência a Psicopatas de Pernambuco.

1. Pernambucano, J. — Estudo Estatístico sôbre a Psicose de Involução. *Neurobiologia* (Recife) 1:14-28, 1938.

2. Ribeiro, R. — *As Esquizofrenias*. Tese, Recife, 1937.

vai arruinando a raça. Sobretudo porque essa praga, aqui como em toda parte, está protegida por interesses de toda a ordem e é a fonte de riqueza de grande número de empresas industriais e comerciais, que exploram o fabrico e venda do tóxico. Quem quer que medite sobre a questão, fica desiludido em verificar que uma pequena minoria tira proventos fabulosos de um produto que constitui um veneno para toda a coletividade. Para demonstrar até onde podem ir as influências perniciosas que são geradas pelos elevados lucros proporcionados pelo álcool potável, basta referir que a empresa de carris, luz e força de certo Estado do Brasil negou-se a permitir que fossem afixados em seus veículos cartazes de propaganda anti-alcoólica. Quando Ulysses Pernambucano³ denunciou essa companhia como “amiga do alcoolismo”, a estação de rádio em que ele falou apressou-se em dar sua solidariedade à Companhia, e, dos jornais da cidade, apenas um, divulgou em suas colunas a corajosa denúncia.

Por outro lado, ninguém mais subestima a significação de um estudo estatístico sobre qualquer assunto de biologia ou de medicina, pois modernamente a noção do “quantitativo” domina em todas as ciências, em todos os ramos da atividade humana. Manifestando-se sobre a importância das estatísticas em psiquiatria, declarou Ulysses Pernambucano que elas “deviam ser, no momento em que é uma realidade por toda parte o movimento de Higiene Mental, a própria base de qualquer ação que se pretendesse organizar nesse terreno. Sem que as tenhamos bem organizadas e capazes de fornecer ricos elementos informativos, toda a atividade social do psiquiatra há de assentar em bases de areia movediça”. Principalmente no Brasil — onde a Psiquiatria não se libertou ainda da clássica e rotineira esquematização clínica, para ocupar corajosamente a legítima posição que lhe pertence junto a outras ciências sociais — os estudos estatísticos sobre a incidência das doenças mentais, o seu provável aumento nas condições atuais de vida, os grupos étnicos do nosso formidável “melting-pot” mais atingidos por determinadas afecções, etc., restam ainda por fazer, a exceção, naturalmente, de esparsos estudos levados a cabo em algumas regiões do país, onde aquelas necessidades acima apontadas já se manifestaram de maneira imperiosa, compelindo os estudiosos a pôr mãos à obra.

Seguindo a orientação de nosso mestre, realizaremos o estudo estatístico das psicoses alcoólicas em Pernambuco, considerando os seguintes elementos: sexo, idade, nacionalidade, raça, estado civil, profissão, procedência, tara e uso do tóxico.

A nossa estatística repousa em dados recolhidos no Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, referentes a

3. Pernambucano, U. — Organização de um Curso de Extensão Universitária sobre Higiene Mental na Fac. de Med. do Recife. Arq. Assist. Psicop. Pernambuco. Nos. 1 e 2, pág. 78, 1935.

todos os alcoolistas internados no Hospital de Alienados, no período que vai do ano de 1916 ao de 1935. Temos a impressão que êsse material bem representa a extensão da toxicomania no Estado, pois aquêlê hospital é o único que recebe doentes mentais agudos, exceção feita do Serviço Aberto (Hospital Correia Picanço) que recebe pequeno número de enfermos. Pelas peculiaridades mesmas desta instituição, certos psicopatas agudos — entre os quais se situam os alcoolistas — não podem ser aí hospitalizados, ou porque apresentem idéias de fuga, opondo-se assim à longa segregação indicada para êsses intoxicados, ou porque apresentem delírios de perseguição, com possíveis atitudes agressivas contra o pessoal de assistência ou reações autodestrutivas. Dêsse modo, é para o Hospital da Tamarineira para onde afluem os toxicômanos de todo o Estado, mesmo aquêles residentes nos mais recônditos rincões, nas zonas rurais mais longínquas. Sendo êle o único a hospitalizar e assistir enfermos dêsse gênero, pelas suas enfermarias passa a grande massa de alcoolistas do Estado, susceptível de internação.

PERÍODO 1916-1930

No que se refere ao período que se estende de 1916 ao ano de 1930 — época em que não funcionava ainda o departamento estatístico, sômente organizado por ocasião da reforma empreendida por Ulysses Pernambucano — apesar dos esforços empregados, sômente conseguimos informes parciais, relativos à proporção de alcoolistas, para cada ano, na povoação frenocomial. Nos três lustros, passaram pelo Hospital de Alienados, 11.703 enfermos, dos quais 1.462 receberam o diagnóstico de alcoolismo. A distribuição, por ano, se fêz da maneira seguinte:

Anos	Entradas	Álcool	%	Anos	Entradas	Álcool	%
1916	626	101	16,13	1917	638	111	17,37
1918	743	96	12,92	1919	667	70	10,49
1920	579	47	8,15	1921	648	100	15,43
1922	666	151	22,67	1923	660	117	17,72
1924	670	115	17,16	1925	767	53	6,91
1926	730	100	13,69	1927	1.017	94	9,24
1928	1.023	99	9,67	1929	1.141	103	9,02
1930	1.128	105	9,39				

De acôrdo com os dados acima expostos, a percentagem de alcoolistas, por nós encontrada, para todo o período, é de 12,4. As percentagens mais baixas correspondem aos anos de 1925 (6,91%) e 1920 (8,15%). Os anos em que mais entraram alcoolistas — em relação à população total — foram os de 1922 e 1923 com 22,67 e 17,72% respectivamente. A percentagem verificada em Pernambuco para o período

de 1916-1930 (12,4%), aproxima-se muito da encontrada no Rio de Janeiro por Cunha Lopes⁴. Esse investigador, num cuidadoso estudo sobre as afecções mentais sob o ponto de vista racial, observou a incidência de 11,95% de psicoses alcoólicas no total das admissões na Clínica Psiquiátrica, no quinquênio 1930-34.

Veiga Sampaio, numa estatística que levantou na Bahia, para o ano de 1927, encontrou a percentagem de 31,76 de alcoolistas, bem superior à observada em Pernambuco e no Distrito Federal. Pacheco e Silva⁵, no ano de 1928, procedeu ao levantamento estatístico de todos os alcoolistas internados no Hospital de Juquerí (S. Paulo), obtendo as conclusões seguintes: em 348 homens internados naquele frenocômio, 130 abusavam do álcool e apresentavam distúrbios mentais em consequência dos seus efeitos; em 156 mulheres, 13 eram alcoolistas habituais. Temos, portanto, em 504 indivíduos recolhidos ao hospital psiquiátrico, 143 alcoolistas, o que nos dá uma percentagem de 28,95 de alienados contando o alcoolismo nos seus antecedentes.

Infelizmente, dada a escassez de trabalhos estatísticos no Brasil, ou, talvez, às quase insuperáveis dificuldades nas consultas bibliográficas, não pudemos conhecer a toxicomania alcoólica em outras regiões do país e estabelecer paralelo com o que verificamos.

Será curioso referir-nos, embora sucintamente, aos dados recolhidos noutros países, por psiquiatras interessados no assunto. Assim, de acordo com Hoppe, na clínica de Leipzig, no período que vai de 1913 a 1922, a maior percentagem em relação ao total de enfermos internados foi de 13% e a menor de 2%. No tratado de Bumke⁶ encontramos um sugestivo gráfico das investigações de Hoppe, no qual se pode notar uma elevação máxima do uso do tóxico no período correspondente à primeira conflagração mundial e, já no fim da mesma, uma queda brusca, para haver nova ascensão no ano de 1922. As estatísticas de Kraepelin, publicadas em 1920 (acompanhadas de gráficos das admissões na Clínica Psiquiátrica de Munique), mostram uma percentagem de 15% para 1914 e de 3% para 1919. Ele atribuiu essa queda quase exclusivamente à necessidade, durante a guerra, de diminuir a quantidade de álcool contida nas cervejas. Depois do conflito, porém, o alcoolismo tornou a se desenvolver, sobretudo entre as mulheres. Para Bleuler⁷ o

4. Cunha Lopes, I. — *Psicopatologia Etnica. Separata de Ilustração Médica* (Rio de Janeiro), 43-44, 1938.

5. Pacheco e Silva, A. C. — *Psiquiatria Clínica e Forense*. Edit. Nacional, São Paulo, 1940.

6. Bumke, O. — *Tratado de las enfermedades mentales*. Trad. espanhola. F. Seix Edit., Barcelona.

7. Bleuler, E. — *Tratado de Psiquiatria*. Trad. espanhola. Espasa-Calpe, Madrid, 1924.

número de alcoolistas masculinos eleva-se de 10 a 35% do total dos internados, “segundo as circunstâncias”. “Porém — acrescenta — êste não é nenhum critério para julgar a extensão do alcoolismo. Só um pequeno número dos pacientes vem aos asilos”.

Na Bélgica⁸, em 1914, o alcoolismo fornecia de 15 a 20% sôbre o total dos psicopatas internados. Na Turquia⁸ as estatísticas do Hospital Psiquiátrico mais importante do país estabelecem que, entre 3.382 doentes tratados de junho de 1933 a junho de 1934, 34 eram alcoolistas (31 homens e 4 mulheres). A percentagem é, portanto, baixa: apenas 1%. Segundo os trabalhos de Mazhar O. Uzman e os de F. K. Gökay, tal fato resulta de uma intensa e severa repressão por parte do govêrno e de uma campanha de higiene mental bem orientada e permanente, campanha de vulgarização tendente a mostrar os perigos a que o uso dos tóxicos expunha os indivíduos e a nação. Foram criados mesmo tribunais especiais (tribunais para intoxicados, encarregados de reprimir enèrgicamente todos os casos de embriaguez alcoólica, cocaínica, canábica, etc.) O Estado monopolizou a fabricação de álcool e das bebidas alcoólicas e o grau dos espirituosos foi rebaixado.

Na Iugoslavia, segundo informes de Desruelles e Bersot⁸, para o ano de 1934, sôbre o total de 2.243 enfermos internados, 64 eram alcoolistas. Aqui observa-se a percentagem, consideravelmente baixa, de 2,85%. Na Grécia⁸, as psicoses alcoólicas são raras (4% das entradas), segundo informa Yanniris, mau grado certo aumento no consumo do álcool. Para a Polônia⁸, a percentagem de alcoolistas em relação ao total das entradas, também é mínima. Lá verifica-se apenas 1,37% de psicoses alcoólicas.

As informações estatísticas de L. A. Prozorow e S. L. Tapelzon (Les établissements psychiatriques de l'U. R. S. S. en 1935 — cit. por Bersot⁸), referentes ao movimento dos estabelecimentos psiquiátricos da Rússia, no ano de 1935, não nos fornecem dados precisos sôbre a incidência do alcoolismo, pois estas psicoses, nas estatísticas soviéticas, estão reunidas às demais toxicomanias. De acôrdo com a informação daqueles autores, a freqüência do alcoolismo e das outras toxicomanias, foi de 22,2% para os homens e de 2,6% para as mulheres, em relação aos enfermos internados no ano de 1935. Medidas governamentais tomadas

8. Desruelles, M. e Bersot, H. — L'Assistance aux aliénés en Europe. Pays Balkaniques (La Grece). L'Hygiène Mentale, 34:1-8 (jan.) 1939.

— L'Assistance aux aliénés en Europe. Pays Slaves (Yugoslavie). L'Hygiène Mentale, 33:142-152 (nov.) 1938.

— L'Assistance aux aliénés en Europe. Pays Slaves (U. R. S. S.). L'Hygiène Mentale, 33:97-102 (junho) 1938.

— L'Assistance aux aliénés en Europe. Pays Slaves (Pologne). L'Hygiène Mentale, 33:53-70 (abril) 1938.

— L'Assistance aux aliénés en Europe. Pays Balkaniques (Turquie). L'Hygiène Mentale, 34:21-40 (fev.) 1939.

no sentido de levantar o nível material e cultural da vida do povo, a abolição legal da competição econômica determinando um melhor ajustamento social e maior saúde mental, levam-nos a crer na progressiva redução das psicoses alcoólicas naquele país.

Uma antiga estatística, divulgada por Potet, informa que, antes da primeira grande guerra, a percentagem de delirantes alcoólicos internados nos asilos de Nova York passava de 6%. W. C. Garvin, citado por George⁹ afirma que, nos Estados Unidos, cêrca de 10% de tôdas as psicoses estão associadas com excessos alcoólicos. Estatística mais recente e baseada num critério mais rigoroso, é a apresentada por Landis e Page¹⁰. Realizando uma investigação sôbre o movimento geral de doentes mentais nos hospitais dos Estados Unidos, durante o ano de 1933, encontraram 5% de primeiras admissões por alcoolismo. Durante o ano de 1935 foram internados nas divisões psiquiátricas de dois hospitais gerais da cidade de Nova York (o Bellevue e o Kings County) 25.000 casos psiquiátricos, dos quais cêrca de 9.000 eram alcoolistas¹¹.

Honório Delgado¹² apresentou uma estatística sôbre as doenças mentais no Peru, em que êle compara o número de enfermos entrados, tomando como base a sua procedência: de Lima ou do resto do país. No que diz respeito às psicoses alcoólicas, a contribuição da população de Lima é de 2,83%. Das outras províncias do país 3,50% dos enfermos eram alcoolistas. É curioso referir que a primeira percentagem que extraímos do trabalho de Delgado reporta-se a uma aglomeração urbana de 450.000 habitantes, enquanto a segunda provém de uma população de 6.000.000.

Essas cifras — e elas poderiam ser repetidas para todos os países — são bem significativas, elas dizem bem da luta que por tôda a parte se trava contra o alcoolismo. Em todos os climas, em tôdas as latitudes, o homem é o mesmo, os problemas são idênticos, a insatisfação vital encontra solução nos mesmos mecanismos compensatórios.

PERIODO 1931-1935

Entramos na parte mais curiosa da nossa da nossa investigação, pois nesse lustro conseguimos realizar um estudo estatístico minucioso do alcoolismo, seguindo o esquema que traçamos inicialmente. No quín-

9. George, W. H. — *Essentials of Psychiatry*. Williams and Wilkins Co., Baltimore, 1938.

10. Landis, C. e Pace, J. D. — *Modern Society and Mental Disease*. Farrar & Rinehart Inc., New York, 1938.

11. *The Hospital Survey for New York*. New York United Hospital Fund., 2:968, 1937.

12. Delgado, H. — *La Psychiatrie et l'Hygiène Mentale au Pérou*. *L'Hygiène Mentale*, 31:181-200 (set.-out.) 1936.

qüênio que vai de 1931 a 1935, entraram no Hospital de Alienados da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, 330 alcoolistas: 284 do sexo masculino e 46 do sexo feminino.

Sexo — Logo a nossa atenção foi despertada pelo volumoso contingente de doentes do sexo masculino, em relação à proporção de enfermos do outro sexo. Bernardo Etchepare, que observou fenômeno idêntico no Uruguai, interpretou-o dizendo que a mulher, em qualquer classe social em que a consideremos, tem uma educação mais perfeita, sua mentalidade se desenvolve modelada por princípios mais rígidos e mais severos que o homem, e, mais ainda: possuem uma repugnância instintiva para os agentes tóxicos, quaisquer que sejam estes. Numa estatística que realizou com a máxima severidade, aquêl autor apenas encontrou uma incidência de 2 a 2,5% de psicoses alcoólicas na mulher. Também Bleuler faz referências à menor incidência de alcoolismo entre as mulheres, reportando-se, para explicá-la, às diferentes concepções de vida, às diferentes constelações psíquicas e aos diferentes ideais em relação ao beber. Nos Estados Unidos, para as psicoses alcoólicas, o número de primeiras admissões — no que diz respeito aos homens — é cêrca de 7 vezes maior que o correspondente às mulheres.

Entre nós, no entanto, a percentagem das mulheres que bebem é elevada. Elas contribuem com 13,9% do total dos alcoolistas internados. Caberia aqui uma interpretação baseada em fatores sociológicos e educacionais. É sabido que a dois fatores principais é atribuída a menor incidência de psicoses alcoólicas (e luéticas, sobretudo Paralisia Geral) no sexo feminino: a) a grande exposição dos homens a essa enfermidade; b) a possibilidade de maior resistência biológica da mulher aos agentes etiológicos responsáveis. Além disso, as sanções tradicionais e os hábitos da sociedade, bem como o maior e mais extenso uso de bebidas entre os homens, determinam um desenvolvimento maior das psicoses alcoólicas entre êles. Em nosso meio social, porém, onde nas estruturas inferiores as condições de vida são miseráveis, muito cedo as mulheres têm que se dirigir ao trabalho, absorvendo as tarefas diárias todo o tempo que deveria ser consagrado à escola, à instrução, à criação de sadios hábitos. Isto somente no que diz respeito à má formação espiritual por imperiosas contingências de vida, sem contar circunstâncias outras bem ponderáveis, que sacrificam a sua infância e preparam-nas para o vício: o exemplo dos pais, o desajustamento destes, a desintegração do lar e o abandono. Estas circunstâncias excepcionais, são, a nosso ver, responsáveis pelo grande contingente de alcoolistas observado no sexo feminino.

Idade — Se agruparmos os alcoolistas de acôrdo com a idade, na ocasião do internamento, notaremos maior incidência coincidindo com os 31-35 anos para os homens e 26-30 anos para as mulheres (gráfico 1). Antes de nos, numa estatística levantada para o ano de 1932, José Lu-

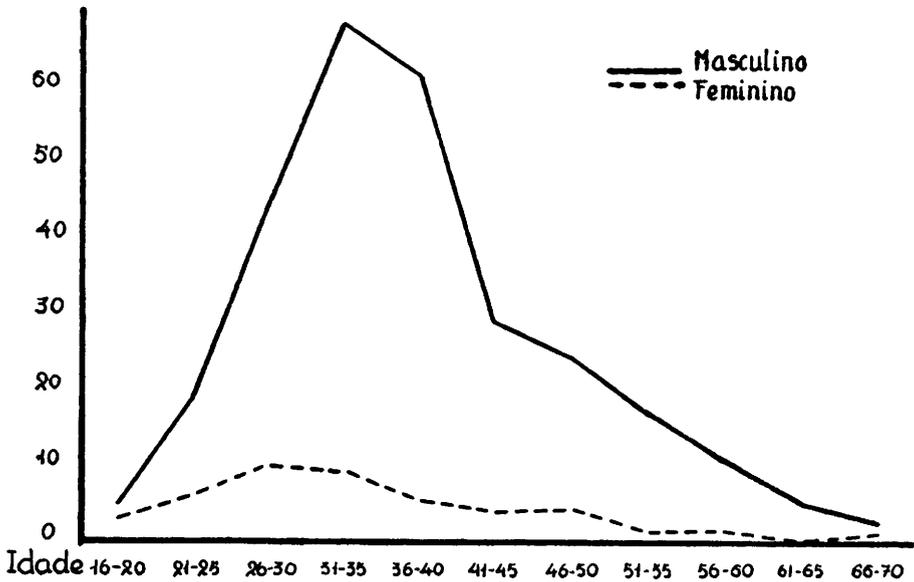


GRÁFICO 1 — Distribuição por sexo e idade dos alcoolistas

cena¹³ encontrou maior freqüência entre os 26-30 anos para as mulheres e 36-40 anos para os homens. São resultados semelhantes e a leve discrepância para as referências ao sexo masculino está justificada no fato de as investigações se basearem em material humano diverso e períodos de tempo diferentes.

Nos Estados Unidos, a idade média dos alcoolistas na ocasião da admissão é de 44 anos. Para a França é de 42 anos. Na Noruega, 45 anos. Para o Canadá e Suíça é de 46 anos.

Nacionalidade — Os alcoolistas, em relação à nacionalidade, agrupam-se nas proporções seguintes:

Brasileiros	327	99,0%
Alemães	1	0,3%
Austriacos	1	0,3%
Peruanos	1	0,3%
Total	330	99,9%

13. Lucena, J. — A Idade dos Alcoolistas. Diário de Pernambuco, 7 de outubro de 1934.

A maioria absoluta é constituída por brasileiros, justificando-se tal achado na pequena proporção em que o elemento estrangeiro entra na formação da população do nordeste. Aqui, onde a aclimação é mais penosa, onde as condições de existência discordam inteiramente das pátrias de origem das nossas principais correntes imigratórias, o estrangeiro não se fixa. Ele prefere outras regiões do país, principalmente o sul, onde constituem densos núcleos demográficos. Lá, talvez, seja maior a sua proporção no conjunto dos enfermos mentais por alcoolismo.

Raça — Para classificar o nosso material em relação à raça, o critério adotado não é rigoroso, se bem que o único viável em nosso meio. Não foi levado em consideração nenhum outro caráter racial, além da côr do pigmento da pele. Porém é êsse o critério adotado no Hospital de Alienados e creio que em todos os outros hospitais do Brasil. Isso vai como uma ressalva, pois é sabido que uma classificação “a olho”, sem que seja utilizada nenhuma escala comparativa, fatalmente encerrará erros. Foi êsse um dos motivos que levaram Ulysses Pernambucano e seus colaboradores, a tentar uma verificação antropométrica da percentagem de brancos, negros e mestiços na população de Pernambuco¹⁴.

Adotando o critério da côr da pele, os alcoolistas se distribuem do modo que segue:

Raça	H	M	Total	%
Branços	113	9	122	36,9
Mestiços e caboclos	126	18	144	43,6
Pretos	45	19	64	19,3
Total	284	46	330	99,8

Êsses números, na sua singeleza, pouco significam e permitem que se tirem conclusões errôneas. É indispensável, para que tenhamos uma idéia exata sôbre as raças que mais contribuem com alcoolistas no total das internações, computarmos essas percentagens com aquelas referentes aos grupos étnicos na composição da população do Estado. Para essa verificação socorremo-nos do trabalho de Arthur Lobo¹⁵ que distribuiu as raças da população de Pernambuco assim: Brancos 58%; Mestiços 35%; Pretos 6%; Caboclos 1%.

14. Pernambucano, U., Di Lascio, A., Pernambucano, J. e Guimarães, A. — Alguns dados antropológicos da população do Recife. Arq. Assist. Psicop. Pernambuco, ns. 1-2, pág. 40, 1935.

15. Lobo, A. — Antropologia do Exército Brasileiro. Arq. do Museu Nacional. Vol. XXX, 1928.

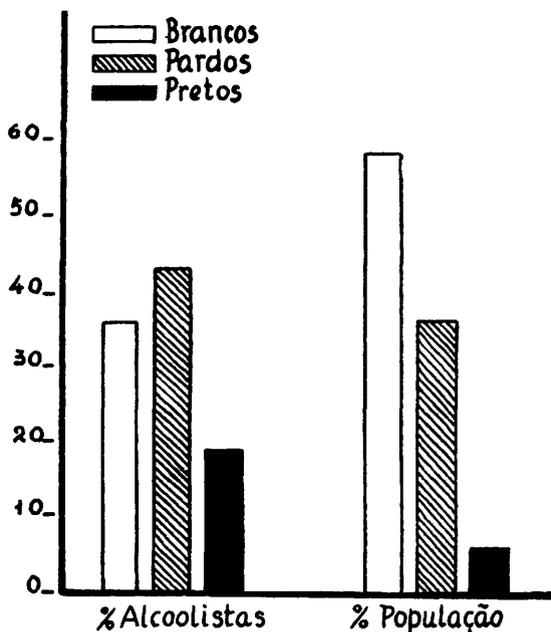


GRAFICO 2 — Distribuição pela cor nos alcoolistas e na população de Pernambuco.

Comparando entre si essas duas categorias de números — os das raças na população de Pernambuco e os dos alcoolistas em relação aos seus grupos étnicos — chegamos às seguintes conclusões: 1. No que se refere aos brancos, a percentagem de alcoolistas não atinge a proporção em que eles entram em formação da população geral; 2. Os alcoolistas mestiços e caboclos são em número mais elevado, eles superam de 7% a proporção com que se apresentam na população do Estado; 3. Entre os negros, essa diferença assume aspecto realmente surpreendente; enquanto na população de Pernambuco eles aparecem apenas 6 vezes para cada 100 habitantes, para 100 alcoolistas internados eles estão representados 19,3 vezes; há, portanto, uma diferença que alcança mais de 13%. Considerando-se essa grande divergência entre as proporções dos vários representantes étnicos na população do Estado e no total dos alcoolistas internados, podemos seguramente estabelecer a maior incidência das psicoses alcoólicas na raça negra. Esse fenômeno anteriormente já foi salientado por Ulysses Pernambucano⁵⁶ nas suas investiga-

16. Pernambucano, U. — As doenças mentais entre os negros de Pernambuco. Arq. Assist. Psicop. Pernambuco, 2:120, 1932.

ções acêrca das doenças mentais entre os negros de Pernambuco. Por isso é oportuno comparar os nossos resultados com os publicados, há anos, por aquêl professor.

Raças	Invest. de U. Pernambuco		Nossa investigação	
	Álcool	%	Álcool	%
Branços	} 255	83,0	266	80,5
Mestiços				
Caboclos				
Negros	52	16,9	64	19,3
Total	307	99,9	330	99,8

Nas duas investigações, embora baseadas em materiais diversos, a mesma conclusão se impõe: há uma incidência muito maior entre os negros, do que entre os mestiços, caboclos e brancos, no que diz respeito às psicoses alcoólicas (gráfico 2).

Essa verificação também foi feita nos Estados Unidos. Os trabalhos de Malzberg¹⁷ mostram que as psicoses alcoólicas entre os negros do Estado de New-York são três e meia vezes superior às observadas entre os brancos (brancos: 6,5 para 100.00 habitantes; negros: 22,2). As estatísticas de Malzberg compreendem o período 1920-31.

Estado civil — A distribuição percentual dos alcoolistas internados no Hospital de Alienados, tomando como base o seu estado civil, permitiu que organizássemos o quadro abaixo:

Estado civil	H	M	Total	%
Solteiros	143	22	165	50,0
Casados	116	17	133	40,3
Viúvos	22	7	29	8,7
Não informam ...	3	—	3	0,9
Total	284	46	330	99,9

A simples observação dêsse quadro não nos oferece exatas conclusões. É necessário sabermos, também, quais as proporções de casados,

17. Malzberg, B. — Race and Mental Disease in New York State. *Psychiat. Quartely*, 9:538-569, 1935.

— Mental Disease among Negroes in New York State. *Human Biology*, 7:471-513, 1935.

solteiros e viúvos, na população geral. Depois poderemos comparar as duas categorias de números e tirarmos as conclusões de definitivas.

Segundo o senso de 1920 (a única referência que possuímos e que poderá auxiliar-nos nesse esclarecimento demográfico), ficou estabelecido que a população do Estado de Pernambuco, tomando-se como critério o estado civil, está assim distribuída: Solteiros 71,6%; Casados 23,1%; Viúvos 5,2%.

Comparando entre si as duas tabelas, logo se impõe a conclusão de que o estado civil em que mais incide o alcoolismo é o *casado*, uma vez que para 100 habitantes da população eles aparecem apenas 23,1 vezes, enquanto que sobre 100 primeiras admissões de alcoolistas há 40,3 casados. A diferença é grande, atingindo 17,2. Para os solteiros, a percentagem em que eles aparecem entre os toxicômanos não atinge a proporção em que entram na população do Estado (gráfico 3).

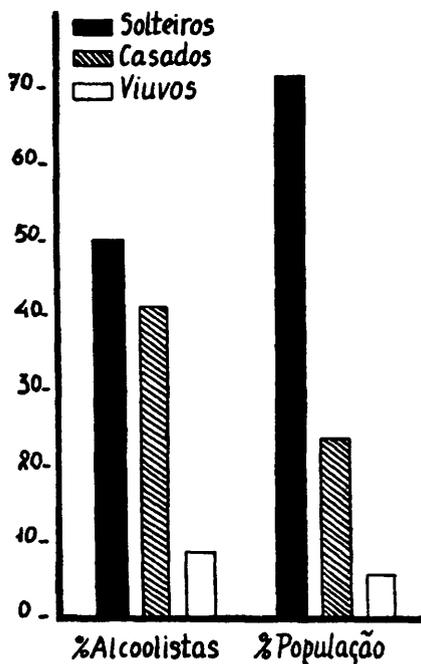


GRÁFICO 3 — Distribuição pelo estado civil nos alcoolistas e na população de Pernambuco.

Profissão — Atingimos um ponto da nossa estatística que proporciona dados apreciáveis, informações que devem ser tomadas em consideração quando se pretender estabelecer as bases de uma campanha

anti-alcoólica. Conhecendo êsses dados econômicos, que implicitamente encerram indicações sôbre as condições de vida e o nível social dos alcoolistas, teremos em mãos os pontos de referência para intensificação da campanha, mórmente no que se refere à classe social que primeiro e mais intensamente deverá experimentá-la e os locais mais adequados para a atuação do neuro-higienista.

Procuramos, por isso, fazer a distribuição percentual de todos aquêles que, fazendo uso do alcool, vieram até o hospital. Êsses indivíduos exercem profissões as mais variadas, se bem que haja um ponto comum a tôdas: a humildade dos ofícios e a modesta remuneração pecuniária. Sob êsse ponto de vista, a distribuição percentual dos alcoolistas se faz do seguinte modo:

Profissões	H	M	Total	%
Produção, explor. e transformação da matéria prima	159	8	167	50,6
Transportes	27	—	27	8,1
Militar	5	—	5	1,5
Empregado público	2	—	2	0,6
Empregado particular	4	—	4	1,2
Comércio	27	—	27	8,1
Profissões liberais	5	—	5	1,5
Serviços domésticos	1	32	33	10,0
Mal definidas e não informadas	54	6	60	18,1
Total	284	46	330	99,7

Sobressai na tabela acima o contingente enorme (50,6%) representado pelos que trabalham na exploração e transformação da matéria prima. Êsses homens, todos êles, pertencem à classe dos trabalhadores braçais, dos ofícios manuais, constituem, em suma, a classe obreira do Estado. A profissão que contribuiu com o contingente imediatamente inferior foi a rotulada sob o nome de *serviços domésticos*. Êsse fenômeno corresponde à facilidade com que às psicopatas internadas é atribuída essa profissão. Mesmo aquelas que não informam, ou que possuem ofício dificilmente classificável, nas fichas de internação, são agrupadas como *domesticas*.

Deixando-se de lado a pequena proporção referente aos homens de profissões liberais (1,5%) e mesmo excluindo aqueles agrupados entre os que possuem profissões mal definidas ou que não informam as profissões (18,1%), resulta a alta percentagem de 80,1%, constituída toda ela por operários, indivíduos de baixo nível de vida, pertencentes às camadas mais inferiores da estrutura social e econômica do Estado. Êsse

dato é valiosíssimo e encerra uma verdade irrefutável: O meio social, o nível econômico e cultural, estão relacionados com maior incidência de hospitalização. É impossível julgar até onde eles influem, até que ponto são eles responsáveis, mas ninguém poderá negar a sua contribuição: seja pelo desajustamento social, seja pela insegurança econômica. Portanto a campanha contra o alcoolismo terá que visar, em primeiro lugar, os indivíduos de baixas condições de vida. Tôda campanha que esqueça essa premissa terá apenas efeito de fachada e não produzirá os frutos que dela esperamos.

Procedência — Saber de onde provém o maior contingente de alcoolistas, se da Capital ou do interior, é noção também importante. A vida nos densos núcleos urbanos favorece o desenvolvimento das doenças mentais? A moderna tendência para a urbanização traz como consequência um aumento das psicoses? A tabela que organizamos vem trazer alguma luz sôbre o assunto:

Capital (Recife)	154	46,6
Olinda	14	4,2
Interior	140	42,4
Outros Estados	10	3,0
Exterior	1	0,3
Não informam	11	3,3
Total	330	99,8

A Capital contribuiu com o maior contingente de alcoolistas. Dela provieram 46,6% de todos os toxicômanos internados. Esse fato assumirá maior importância se nos lembrarmos que tão grande leva de intoxicados saiu de um centro urbano de cerca de 400.000 habitantes, enquanto que o segundo contingente (42,4%) vem de uma população de mais de 2.500.000 almas. Isso significa que entre os nossos habitantes urbanos é maior o consumo de bebidas alcoólicas? Ou são as maiores facilidades de internação hospitalar, as proximidades dos centros psiquiátricos urbanos, enquanto nas zonas rurais há preferência para o tratamento em casa? Ou, talvez, o estado de subalimentação em que vive o operário do Recife, diminua as suas resistências ao tóxico e mais facilmente os conduza até o hospício. Esta última hipótese não deve ser desprezada, pois assenta em bases científicas. Desde a mais remota era colonial, Pernambuco tem sido uma região mal e subalimentada. Gilberto Freyre já assinalou esse fenômeno, mostrando o efeito da monocultura latifundiária sôbre o nível alimentar dessa região. E, para que fique mais evidente esse fato, passemos a dados concretos, procedentes do inquérito que realizou Ruy Coutinho¹⁸ sôbre a alimentação popular no Recife. Das famílias recenseadas (em número de 666), 49% não usa leite absolutamente, sendo o consumo desse alimento insuficiente,

“45 gr. diárias, ou 3 colheres de sôpa”. O ovo não é consumido por 62% das famílias. O queijo não aparece nas mesas dessas famílias, as frutas e os legumes só raramente. E o autor conclui: “Uma gente que vive com tal dieta só poderá ser pouco eficiente, tem pouca capacidade para o trabalho, resistência mínima à fadiga e às infecções”. São causas que podem ser apontadas como responsáveis, pela menor resistência ante os tóxicos. Por outro lado, certas condições desfavoráveis, inerentes à própria vida nos densos núcleos demográficos, podem também ser aventadas. São aquelas condições da atual vida em sociedade, de uma civilização que se organizou sem que se consultassem os primordiais interesses do homem, às quais se refere Carrel¹⁹, ao lembrar as enfermidades do espírito que se manifestam sobretudo “dans les groupes sociaux où la vie est inquiète, irrégulère et agitée, la nourriture trop raffinée ou trop pauvre, la syphilis fréquente, le système nerveux déjà chancelant, où la discipline morale a disparu, où l'égoïsme, l'irresponsabilité, la dispersion son la regle, où la sélection naturelle ne joue plus. Il y a sûrement quelques relations entre ces facteurs et l'apparition des psychoses”. Todas essas causas, convergentes no sentido de diminuir as resistências do operário citadino, juntas à terrível ação do tóxico, se conjugam num esforço unilateral e poderoso, arrastando-os das fábricas ou dos lares, através das graves perturbações que provocam no normal funcionamento da sua atividade psíquica. É portanto entre essa gente das fábricas, dos trabalhos manuais, das emprêsas de transporte, etc., onde as condições de vida andam nos limites do pauperismo, onde as habitações são as mais inadequadas e anti-higiênicas, onde a ignorância acêrca dos comensinhos princípios de alimentação se junta à quase permanente impossibilidade de adquirir alimentos nutritivos, onde a verminose e as infecções tais como a tuberculose e a sífilis existem de maneira endêmica; é, entre essa gente, dizíamos, que é maior o consumo do álcool; indivíduos quiçá até guiados por um cego instinto biológico que os impulsiona à busca de calorias nesse “soi disant” alimento energético.

Esses comentários referem-se, naturalmente, às causas que facilitam a ação nociva do álcool sôbre o organismo, o sistema nervoso particularmente. Não interpretaremos a razão pela qual o “indivíduo se alcooliza”, a psicodinâmica do alcoolátra, a “atitude” de quem procura no alcool uma compensação substitutiva, fenômeno que decorre de mecanismos psicogênicos que não nos interessa analisar aqui.

Não devemos concluir, porém, que no interior do Estado o uso do álcool se faça em menor escala. Pelo contrário, entre os trabalhadores rurais o seu uso é familiar. É absorvido em formas altamente tóxicas.

18. Coutinho, R. — O que revela um inquérito no Recife sôbre as condições de alimentação popular. *Neurobiologia*, 2:9, 1938.

19. Carrel, A. — *L'Homme, Cet Inconnu*. Libr. Plon, Paris, 1935.

Públio Dias²⁰, em um inquérito sôbre as condições higiênicas e sociais dos trabalhadores rurais em Pernambuco, verificou que, entre êles, 39,7% fazem uso habitual do álcool. E, mais ainda, quem não conhece em todo o Nordeste, a proverbial ação do álcool, remédio contra o calor e contra o frio, panacéia contra todos os males? Esse tóxico, entre as incultas populações do campo, entra em fortes proporções na composição de estranhas beberagens (as "garrafadas"), composições medicamentosas primitivas, que têm ação mágica sôbre infindável série de afecções.

Tara — Já passou ao acêrvo das definitivas conquistas da psiquiatria a noção da influência do "terreno", da carga psicopática hereditária, da constituição mental de cada indivíduo e as diversas maneiras de reagir em face dos agressivos tóxicos, particularmente o álcool. É universal o conhecimento da fraca resistência de certos oligofrênicos ao álcool, o desenfreado apetite de alguns desequilibrados para os tóxicos, o que levou Dupré²¹ a afirmar que não é sômente curioso estudar o homem nas suas reações "quando le verre est bu", porém também aquelas verificadas diante "le verre à boire". Aquêl mesmo autor, estudando as diferentes variedades do alcoolismo, dependentes da quantidade e natureza dos líquidos ingeridos, da duração da intoxicação, dava importância primordial às reações de cada indivíduo ao envenenamento. Essa extraordinária importância concedida por todos os autores ao estudo da herança patológica dêsses doentes, levou-nos a classificar os alcoolistas do Hospital de Alienados, em relação às suas cargas mórbidas hereditárias:

Tara	H	M	Total	%
Pais	31	3	34	10,1
Avós	5	2	7	2,0
Tios	9	1	10	2,9
Irmãos	21	4	25	7,4
Primos	10	2	12	3,5
Outros parentes	14	1	15	4,4
Não informam	199	33	232	69,2
Total	289	46	335	99,5

Pela tabela acima, apesar do vultoso número de doentes cujas anamneses foram omissas, verifica-se que é carregada a ascendência dos ál-

20. Dias, P. — Condições higiênicas e sociais do trabalhador rural em Pernambuco. Recife, 1937.

21. Dupré, E. — Pathologie de l'Imagination et de l'Emotivité. Payot, Paris, 1925.

coolistas que passaram pelo Hospital de Alienados. Se pudéssemos investigar com mais detalhes, encontraríamos até a herança similar, tantas vezes já assinalada entre êsses toxicomanos.

Entre os homens, na soma total, nota-se um excesso de mais 5. Não quer isso significar êrro nas apurações estatísticas e sim a existência de indivíduos cuja tara é conjugada, isto é, em cuja família pode-se encontrar mais de uma espécie de parente com perturbação neurológica ou psicopática.

Uso do tóxico — Desde a época de Magnus Huss (fins do século XIX) até os nossos dias, todos os psiquiatras — e aqui merece uma referência especial a escola francesa — insistem sôbre a diferença entre os bebedores, procurando agrupá-los em categorias diversas, segundo certas particularidades que êles apresentam. Dupré, reunindo uma valiosa série de trabalhos, conseguiu distinguir esquemáticamente os bebedores, nos seguintes grupos: — *Bebedores ocasionais*, que se subdividem em *episódicos* ou *de exceção* (que certas circunstâncias fortuitas determinam uma ingestão de bebida exagerada e acessos de embriaguez de modalidades clínicas variadas) e os bebedores *recidivistas*, ou de *repetição* (que são conhecidos vulgarmente por *êbrios*, aproveitam tôdas as ocasiões para beber, por acessos e evoluem, assim, de crise em crise ebriosa, entre as quais se conservam relativamente sóbrios) e, finalmente, os bebedores *impulsivos*, com obsessões paroxísticas, que experimentam necessidade irresistível de ingerir bebidas alcoólicas, embora em certos intervalos fiquem sóbrios e sintam até repulsão pelo tóxico. Êstes são os *dipsômanos*. Alguns autores colocam-os no grupo dos indivíduos com predisposições epileptógenas e tomam êsses impulsos à bebida, como equivalentes do *grande mal*. O outro grande grupo da classificação de Dupré é o dos *bebedores habituais* (caraterizados pela progressão sempre crescente no uso do tóxico, acabando por ingerir cada dia uma quantidade exagerada de álcool). Assim, como diz magistralmente Dupré, “chaque buveur entre dans l'alcolisme par la voie prédestinée que lui commande son hérédité”.

Vejamos agora, depois dêsse preâmbulo indispensável, a maneira pela qual os alcoolistas em Pernambuco fazem uso do tóxico. Em nosso estudo, não seguiremos aquêle minucioso esquema clássico, apenas subdividiremos em *inveterados* (que correspondem aos *habituais* de Dupré), ou *não inveterados*.

Uso do tóxico	H	M	Total	%
Inveterado	239	35	274	83,0
Não inveterado	45	11	56	16,9
Total	284	46	330	99,9

Como é evidente — e qualquer comentário tornar-se-ia supérfluo — a imensa maioria dos alcoolistas faz uso do tóxico de modo exagerado, contínuo, crônico. São indivíduos que há longos anos vêm-se entregando à toxicomania, muitas vezes sem apresentar as reações mentais do alcoolismo agudo e que somente depois de abusar por extenso período, as ruidosas reações mentais de um episódio alucinatório ou delirante transportam-os ao hospício.

SUMARIO

O autor procedeu ao levantamento estatístico de tôdas as admissões no Hospital de Alienados de Recife (Estado de Pernambuco), no período que vai de 1916 a 1930, chegando à conclusão que a percentagem de alcoolistas, em relação ao total das entradas, é de 12,4%. As percentagens mais baixas correspondem aos anos de 1925 (6,91%) e 1920 (8,15%). O maior contingente de alcoolistas entrou nos anos de 1922 (22,67%) e 1923 (17,72%). Em seguida fêz um estudo comparativo entre os dados verificados no Estado de Pernambuco e a incidência de psicoses alcoólicas em outros países.

As estatísticas do período 1931-1935 permitiram chegar a conclusões mais minuciosas e elucidativas. No que diz respeito ao sexo, o autor assinala uma elevada proporção de alcoolistas do sexo feminino, em contraste com o habitualmente observado nos outros países. A incidência de alcoolistas, em relação à idade, é mais elevada entre os 31-35 anos para os homens e 26-30 anos para as mulheres. A maioria dos alcoolistas é recrutada entre os elementos nacionais.

A maior contribuição de enfermos, no que toca à raça, é fornecida pelo elemento negro. É a comprovação de fenômeno já assinalado também nos Estados Unidos, onde é grande o predomínio dos alcoolistas de raça negra. Entre os casados há mais alcoolistas que entre solteiros e viúvos. A grande maioria dos enfermos provém dos homens de profissões humildes: operários, agricultores, comerciários, etc. A capital contribui com 46,6% do total das internações, fato curioso e digno de nota, porque tal percentagem provém de uma população 6 vezes menor que a do resto do Estado. O autor aventa algumas hipóteses explicativas de tal diferença, salientando as facilidades de hospitalização no centro urbano, as condições do homem da cidade e a situação alimentar do operário no Recife. É carregada a ascendência psicopática dos alcoolistas. No que diz respeito à maneira de como é usado o tóxico, verificou-se que 83,0% dos internados o faz de maneira inveterada e 16,9% de modo ocasional.

SUMMARY

The author made a statistic study of all admissions to the Mental Hospital of Recife (State of Pernambuco) from 1916 to 1930; the percentage of alcoholists in relation to all patients entered in the hospital

is of 12.4%. The lower percentage corresponds to the years 1925 (6.91%) and 1920 (8.15%). The largest proportion of alcoholists refers to the years 1922 (22.6%) and 1923 (17.72%). It was performed a comparative study of the prevailing data in the State of Pernambuco and the incidence of alcoholic psychoses in foreign countries. The 1931 and 1935 statistics enabled him to reach a more detailed conclusion. Concerning to sex, it was noted that a high proportion of alcoholists were of the feminine sex, contrarily to what is generally observed in other countries. The incidence of alcoholists, in relation to age, is higher between the ages of 31 to 35 for men, and 26 to 30 for women. The largest number of alcoholists is found among nationals. The greater contribution of patients, in reference to race, is given by negro element. It is the confirmation of a phenomenon already noticed in the United States of America, where it is prevalent the number of alcoholists of the negro race. Among the married people there are more alcoholists than among single and widows. A definite percentual prominence is shown by patients of humble conditions: industrial, agricultural and commercial workers. The capital of the State contributes with 46.6% of the total of patients; this is a curious fact worthy to notice because such percentage concerns to a population six times smaller than that of the remainder of the State. The author suggests some explanations about this difference, emphasizing the easiness of hospitality in the urban center, the conditions of men in town, and the nutritional state of the workmen in Recife City (Pernambuco). The psychopathic ancestry of the alcoholists is heavy. In regard to the way the toxic is used, 83.1% of the patients were inveterate, 16.9% were only occasional alcoholists.

Rua Piratininga, 24 — apart. 101 — Rio de Janeiro.